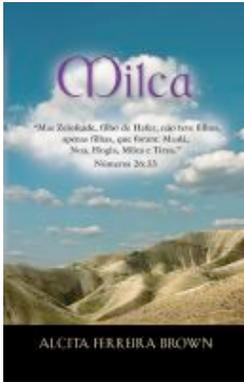


Milca

“Mas Zelofeade, filho de Hefer, não teve filhos,
apenas filhas, que foram: Maalá,
Noa, Hogla, Milca e Tirza.”

Números 26:33

ALCITA FERREIRA BROWN



***Milca** narra as aventuras das cinco filhas de Zelofeade lutando para atingir seus objetivos enquanto viajam através do deserto a caminho da Terra prometida, na companhia de seus patrícios israelitas. Constitui uma forma de literatura rabinica sob o ponto de vista de uma mulher cristã e é fiel às histórias bíblicas, tanto literalmente como espiritualmente. Milca celebra o poder da fé e perseverança através das vidas de Milca, Noa, Maalá, Hogla e Tirza.*

Milca

Order the complete book from

[Booklocker.com](http://www.booklocker.com)

<http://www.booklocker.com/p/books/7219.html?s=pdf>

**or from your favorite neighborhood
or online bookstore.**

Your free excerpt appears below. Enjoy!

Milca

Alcita Ferreira Brown

Copyright © 2014 Alcita Ferreira Brown

ISBN 978-1-62646-827-6

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, gravação ou outra forma, sem a permissão prévia por escrito da autora.

Publicado por BookLocker.com, Inc., Bradenton, Florida.

Impresso nos Estados Unidos da América.

Os personagens e eventos neste livro são bíblicos e fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é uma coincidência e não pretendida pela autora.

BookLocker.com, Inc.
2014

Primeira Edição

Capítulo 1

Rumo ao norte, o quanto minha vista alcança, vejo uma montanha arranhando o céu. Monte Hor. Seus cumes assemelham-se a gigantes deitados. Entre suas fendas e picos, há leitos de riachos e cachoeiras secas. Ele se senta numa plataforma de camadas rochosas. Uma área em declive coberta de pedregulhos e vegetação rasteira se estende do seu pedestal. Um pouco de água escorre de uma de suas fendas. Os homens usaram pedras e fizeram uma pequena represa para que as mulheres e crianças carreguem o líquido indispensável à vida para seu uso diário.

Como formigas, acampamos ao pé do Monte Hor durante o êxodo para a Terra Prometida. Nossas inúmeras tendas se estendem a partir da base da montanha parecendo montes em miniatura. Mais abaixo há um vale de areia.

Meu pai Zelofoade, minha mãe Jemima segurando um neném, minhas três irmãs e eu sentamos ao redor de uma bandeja de argila contendo bolinhos de maná e canecas com leite de cabra.

“Terminem sua comida e vão brincar. Não voltem enquanto não as chamarmos, ordena meu pai.”

“Quando voltarmos, o senhor pode contar-nos mais histórias, papai?”

“Com certeza! E vamos decorar mais algumas das leis de Moisés para que vocês possam armazená-las em suas mentes e aplicá-las em suas vidas, e depois disto sua mãe vai cantar para vocês dormirem.”

“Devemos levar o neném conosco, mamãe?” Ofereço sorrindo e expondo meus dois largos dentes superiores com um espaço entre eles.

“Não. Vou amamentá-lo agora e depois ele vai dormir,” minha mãe responde segurando o neném sobre seu abdômen

protuberante. Depois de muitas gestações, seu ventre não murcha mais. Quarenta dias depois do nascimento de Samuel ela ainda está pálida, mas seus olhos verdes em formato de amêndoas brilham com a felicidade de ter dado ao meu pai um filho, um herdeiro para dar continuidade ao seu nome. Mamãe tem grandes esperanças que este vai sobreviver.

Puxando minhas irmãs gêmeas pelas mãos, saio da tenda. Maalá e Hogla têm a pele da cor de chá fraco. Seus olhos são castanho-claros. Se alguém observar bem notará que as íris de Hogla têm leves tons de amarelo. Mas quem prestará tamanha atenção? Então para saber qual era Hogla e qual era Maalá, mamãe amarrou uma pulseira de couro no pulso esquerdo de Hogla. À medida que elas cresciam, minha mãe desapertava a correia um pouquinho.

Noa, também mais nova do que eu, tem o cabelo castanho, vívidos olhos esverdeados, e uma boca grande de sorriso fácil. Ela apressa seus passos e diz,

“O papai passou um tempão sem nos mandar sair para brincar. Estou intrigada! Por que você acha que hoje ele pediu para a gente sair?”

“Você realmente não sabe?”

“Não.”

“Samuel completa quarenta dias hoje, então mamãe cessou de ser impura. Eles querem ficar sozinhos para fazerem outro neném.”

“Mas nós já temos Samuel.”

“Bem, em caso que alguma coisa aconteça com ele, querem ter certeza de que um sobreviva. Mamãe disse que cada vez que ela tinha uma menina o vovô Hefer ficava com raiva dela. O papai não dizia nada, mas era evidente que ele estava desapontado. Ela desesperadamente queria dar um filho ao papai.”

“Por quê?”

“Para ele herdar um pedaço de terra em Canaã; mulher não tem direito de hereditariedade.”

“Isto não é justo!”

“Falando sobre justiça, quando uma mulher tem uma criança do sexo masculino, leva quarenta dias para se tornar pura. Leva oitenta dias quando ela tem uma menina.”

“Por que esta diferença?”

“Não sei; está nas leis.”

“Como você sabe tudo isso?”

“Presto atenção quando as mulheres conversam.”

Passando pela tenda do tio Elhanam e da tia Miriam, pergunto, “Onde estão as crianças?”

Meu tio se encontra do lado de fora da tenda, coçando suas costas na estaca central da barraca, igual a um jumento. Ele responde, “Estão brincando na clareira, perto do areal.”

Continuando, chegamos à frente da tenda do tio Efode e tia Abigail. A entrada da tenda está cerrada e não vemos nenhum sinal dos cinco primos. A tenda do tio Sofonias e da tia Sulamita também está fechada e silenciosa. É aquela hora da tarde em que as crianças brincam fora e os pais têm um pouco de privacidade.

Tomamos a direção em que o sol se põe e de repente a temperatura muda. Que estranho! Meus braços se arrepiam com a onda de frio.

“Vamos correr e vocês esquentarão.”

Chegando à clareira, sinto um frio diferente, no estômago, quando olho para o primo Jair. Seu cabelo cacheado, da cor de carvão, alcança suas costas. Aos doze anos ele já está tão crescido e forte como muitos homens. Por esta razão todas as outras crianças o obedecem, exceto nosso amigo Quemuel, que tem o mesmo tamanho e musculatura. Jair determina quem pode participar daquele grupo, somente os primos e três

amigos: Quemuel, Elidade e Abel, das tribos de Benjamim e Efraim.

Além da clareira, o terreno se declina para o vale de areia. Os meninos escorregam aí sentados em pedaços de couro, mas quando as meninas vêm, eles brincam brincadeiras de meninas com elas.

“Agora que todo mundo chegou,” Jair diz, “vamos brincar de cobra cega. Noa, você vai ser a primeira.”

Jair amarra um trapo de tecido de lã em seus olhos. As crianças aproximam, tocam-na e correm. Desesperadamente ela tenta tocar num deles. A criança tocada será a próxima cobra cega. Antes, porém que isto aconteça, ela desvenda os olhos e grita, “Alguém me beliscou e eu sei que foi Zarede. Ele é o único mau deste grupo.”

“Você precisa puni-lo, Jair. Você precisa proibi-lo de brincar com a gente.”

“Sim, sim!” Outras meninas concordam.

“Certo.” Jair responde. Ele vira-se para um menino robusto e baixo, os olhos muito próximos um do outro, mostrando maldade, a testa larga faz com que sua cabeça pareça quadrada. “Então, Zarede, você está proibido de brincar conosco hoje. Suma!”

Zarede olha para as outras crianças com um olhar de vingança, chuta areia e sai mancando. Jair começa a vendar os olhos de uma de suas irmãs, quando começamos a ouvir um barulho estranho, ensurdecidor. Olhamos em direção ao vale e ficamos paralisados. Uma parede de areia e poeira rola como uma vasta onda para nos pegar. Depois de uns segundos de indecisão, Jair comanda. “Salve-se quem puder! Corram, corram! Rápido!”

Noa e eu saímos em disparada puxando Maalá e Hogla. Olho para trás e vejo vagalhões de areia ajuntando arbustos

secos do deserto, rolando e crescendo, prontos para nos engolfar.

“Não vamos dar conta de escapar,” grito para minha irmã e choco-me com alguma coisa, ou alguém. É Quemuel. Ele e Abiezer param para nos ajudar.

“Vou carregar uma das gêmeas,” diz Quemuel.

“E eu carregarei a outra,” acrescenta Abiezer. Eles jogam Maalá e Hogla em seus ombros e correm como um corisco. Seguimos esbaforidas atrás.

No acampamento, as pessoas correm, gritam, juntam seus filhos e entram em suas barracas. Uma mistura de areia, pedregulhos, poeira e ciscos cobrem o sol. Papai ordena, “Entrem. Jemima, amarre mantilhas nas cabeças das meninas e na sua. Tenha certeza de proteger seus olhos, boca e nariz. Embrulhe bem Samuel. Cubram-se e fiquem quietas.

“E você, papai?”

“Vou ver se as estacas estão bem firmes. Volto em breve.”

Escuto um barulho constante e ensurdecedor. Areia e poeira entram nas lacunas entre a tenda e o chão. Entram pelas brechas da entrada e até pelos buraquinhos da costura que unem as peles de cabritos. Mamãe me olha com terror quando vê a tenda balançar com o vento. Ela nos cobre bem com manto de lã e pele de animais, mas eu suspendo minha cobertura e dou uma olhada. Aperto meus lábios, mas meus olhos ardem com partículas de areia e meu coração queima em desespero. Meu único irmão está em perigo. Mamãe deita sobre o neném apoiando a parte superior de seu corpo com os cotovelos, puxa uma pele sobre ele segura as beiradas. Papai entra e deita de bruços, esticando seus braços o mais que pode para nos proteger. Escuto mamãe dizer,

“O neném está espirrando e chutando.”

“É um bom sinal,” papai responde com voz abafada.

Alcira Ferreira Brown

Depois de algum tempo, ela fala novamente, desta vez com ansiedade, “Agora não sei se ele está respirando.”

“Como pode saber, com todo este barulho e comoção?”

A areia se acumula no chão e em cima de nós. Depois de um tempo equivalente ao que um homem gasta para caminhar até o monte Hor e voltar, o silêncio pesa como a areia que nos cobre. Papai e eu nos levantamos. Ele sacode a areia do seu corpo como um cachorro molhado sacode a água. Eu abro a aba de entrada e os raios avermelhados e horizontais do sol invadem a tenda. Meu pai tira a cobertura de minhas irmãs e da mamãe. Ela senta, com mãos trêmulas desembrulha Samuel e solta um grito. Papai tira o neném de suas mãos e começa a aspirar com sua boca a areia de suas narinas e de sua boquinha e a cuspir no chão. Sem nenhum resultado. Samuel tem a pele acinzentada e fria. Mamãe e papai começam a chorar e eu e minhas irmãs nos juntamos ao lamento fúnebre.

Capítulo 2

Papai leva para o Monte Hor sua tristeza e frustrações por ter perdido seu segundo filho. Toda manhã ele sobe a serra bem cedinho. Ele chora, grita, argumenta com Jeová, ora por aceitação e, finalmente, exausto, dorme. Ele tem um lugar favorito. Uma acácia brotou numa brecha alguns metros abaixo. Cresceu paralela ao precipício e se tornou uma árvore frondosa e acolhedora na superfície rochosa. Ele passa o dia vagueando no alto do monte e descansa debaixo da acácia durante as horas mais quentes.

À tardezinha, minhas irmãs e eu esperamos por papai ao pé da serra. Batemos palmas quando vemos aquele homem alto e forte descendo. Um pano na cabeça, amarrado por uma trança de lã, esconde seu cabelo ondulado e escuro. Seus olhos são como dois poços profundos e cheios de água. Pode-se confiar neles. Suas sobrancelhas parecem dois traços curvos de carvão. Seu nariz pontudo e longo assemelha-se a uma cadeia de montanha vista à distância. Seu espesso bigode tem as pontas viradas para cima. Sua barba é como uma floresta e tem uma clareira do lado direito devido a uma cicatriz provinda de um tombo que levou numa de suas descidas do monte. Sua túnica de lã amarrada com um cordão na cintura cobre seus joelhos. Suas sandálias de couro constantemente nos lembram das promessas de Jeová, de que nossas sandálias e nossas roupas não rasgariam enquanto estivéssemos atravessando o deserto. Elas parecem novas como quando ele primeiro as fabricou. Seu corpo arca com a carga pesada de não ter um filho para continuar seu nome na Terra Prometida e com as constantes acusações de seu pai. ‘Seus pecados são a causa de Jeová não lhe deixar ter um filho homem,’ ele lhe diz constantemente.

Dez meses depois da morte de Samuel, papai desce do monte e encontra suas duas filhas gêmeas Maalá e Hogla

brincando de jogar pedrinhas para cima e apará-las com as costas das mãos. Elas correm e abraçam suas pernas.

“Papai, viemos buscar o senhor. Mamãe está tendo um bebê.”

Ele pega as mãos das meninas, uma de cada lado e se apressa. Elas sentem-se seguras e felizes e correm para manter com os passos largos dele.

O odor morno de estrumes de animais, urina e feno de repente atinge as suas narinas. Antes ele não sabia que o acampamento tinha esse fedor. Depois de aspirar o ar leve, limpo e fresco das alturas, ele se torna sensível a esta diferença. Eles passam por fileiras de tendas e ele cumprimenta seus conhecidos e parentes. Rapidinho ele se adapta com o odor do acampamento e passa a sentir o aroma agradável de sopa de codornas fumegando em panelas de bronze do lado de fora de cada tenda. Zelofeade entra na barraca de seu pai Hefer, onde seus irmãos e amigos estão reunidos esperando por ele. Eles olham para cima e levantam as mãos em sinal de impaciência. Horas passam.

Enquanto os homens conversam, mamãe sofre as incomparáveis dores de trazer uma nova vida ao mundo. Eu me coloco ao lado dela e seguro sua mão suada. Ela ringe os dentes e empurra o máximo que sua fraca força permite. Depois, ela relaxa e cochila. Tia Miriam e tia Abigail se revezam em ficar ajoelhadas atrás de mamãe amparando suas costas.

Durante o tempo que o bebê estava crescendo no ventre de mamãe, ela não parecia bem. Muito inchada, com o rosto pálido e se cansava facilmente. Noa e eu fazíamos todas as tarefas. À noite, para fazer as gêmeas dormirem, ela começava a cantar e sua voz falhava, então ela trocava por um suave solfejo.

Sinto as mãos de mamãe tensas, de sua testa escorre uma imensidade de suor e ela respira ofegante.

Ouçó a parteira dizer, “A cabeça está coroando.” Em seguida, “A cabeça está de fora. Cabelos negros.” Momentos depois, “Os ombros estão saindo, um de cada vez.” De repente o resto do corpo do neném espirra para fora tão rápido, com uma mistura de sangue e líquido viscoso, que a parteira não é capaz de segurá-lo e ele desliza na pele de cabrito que forra o chão. A parteira pega o bebê pelos pés e o segura de cabeça para baixo com a mão esquerda. Com a direita ela dá um tapinha em suas nádegas. A criança abre a boca e solta um choro agudo. “É uma menina forte, sadia e linda,” anuncia a parteira. Acho que mamãe não ouviu e repito com a boca próxima aos seus ouvidos, “É uma menina linda, mamãe.”

Os músculos de seu rosto se relaxam num sorriso débil e ela fecha os olhos. Permaneço ao seu lado. Ela parece muito fraca e está perdendo muito sangue. Noto quando a parteira usa uma lâmina de bronze para cortar o cordão que liga o neném ao ventre de mamãe. Ela amarra o pedaço que ficou no neném com um cordão de lã e entrega a criança à tia Miriam, que a coloca em outra pele de cabrito e começa a limpá-lo com panos úmidos. A parteira torna a atenção dela para mamãe novamente. Ela aperta sua barriga com movimentos para baixo, até que uma bolsa fina e ensanguentada saia. A parteira a embrulha num pedaço de pano de lã e entrega para tia Abigail, que sai da tenda levando aquilo. Tia Miriam embrulha o bebê em panos e me pergunta, “Quer levar o neném para seu pai ver? Espero que ele já esteja de volta do Monte Hor.”

“Não posso sair de perto da mamãe. Ela parece tão pálida. É normal perder tanto sangue assim?”

“Não se preocupe, sua mãe vai ficar boa.”

“Eu levo o neném,” diz a parteira. “Preciso de ar fresco.”

Eu também preciso de ar fresco. O cheiro de sangue é nauseante. Mudo de ideia e sigo a parteira.

Entramos na tenda de vovô Hefer. Os olhares de meus tios e do vovô são como espadas querendo descortinar o bebê para saber que sexo tem. A parteira deposita o embrulho nas mãos de papai, mas a pergunta vem de vovô, “Macho?”

A parteira responde com um negativo aceno de cabeça.

Papai respira profundamente duas vezes, depois anuncia, “Seu nome será Tirza. Ela é mais uma bênção que Jeová mandou para mim.” Elevando a criança nas palmas de suas mãos, ele cantarola, “Tirza, você é filha de ZELOFEADE, neta de Hefer, bisneta de Gileade, tetra neta de Machir, penta neta de Manassés filho de José do Egito e de sua esposa egípcia AZENATE. Que o Todo Poderoso a abençoe.”

“Meu filho, não me leve a mal, se falo,” o vovô Hefer interrompe levantando-se com dificuldade e apoiando seu corpo curvado num cajado. “Já fui novo e hoje sou velho, porém jamais vi um homem justo desamparado. Faça uma retrospectiva, ZELOFEADE. Que pecados você cometeu contra o Senhor, que faltas você esconde do Altíssimo para ele se irar contra você, levar seus filhos e lhe devolver filhas? Com certeza você morrerá antes de entrar em Canaã. Todos nós temos conhecimento de que a velha geração não entrará. Seu nome, então, desaparecerá das tribos de Israel. Você não tem um herdeiro para tomar posse de sua porção de terra a fim de continuar seu nome. Que humilhante! Volte-se para Deus, arrependa e ele lhe dará um filho, um herdeiro. Tome outra esposa, duas ou três, se for necessário, mas faça alguma coisa.”

“Pai, se Jeová está me castigando, sou abençoado. Feliz é a pessoa que Deus corrige. Nasci pobre e pobre voltarei ao meu criador. O Todo Poderoso me deu dois filhos e depois os tomou. Bendigo ao Altíssimo. Estou contente com minhas cinco filhas. Milca me aconselha quando estou desanimado. Noa é um

Milca

movimento, uma brisa no paradeiro do deserto. Maalá é um bálsamo para minha alma. Hogla canta e encanta como uma perdiz e Tirza é um tenro filhote de veado.”

“Asneiras, Zelofeade! Você já deu força a muitos quando eles se tornaram fracos, tropeçaram e caíram. Suas palavras os encorajaram. Agora é você que está em dificuldades e muito atordoado para reconhecer a situação. Pense e confesse seus pecados.”

Virando-se para a parteira, papai diz com a voz trêmula, “Leve a criança para Jemima. Ela deve estar ansiosa para aconchegá-la em seus seios.”

A parteira toma Tirza e sai da tenda tão silenciosa quanto havia entrado, seguida de mim, uma menina de doze anos, magra, alta, cabelos escuros e de olhos verdes, a filha mais velha de Zelofeade.

Enquanto caminhamos de volta para a barraca de parto, pergunto, “Posso carregar minha irmãzinha?”

“Aqui,” a parteira me entrega Tirza, dizendo, “Tenha cuidado!”

Aconchego-a com ambos os braços e olho para seu rosto vermelho e inchado. Suas pálpebras estão apertadas por causa da forte luz solar. Ela tem o nariz pontudo, igual ao de mamãe e papai. Elevo-a até meus lábios e digo suavemente em seus ouvidos, “Não se preocupe, Tirza! Só vovô está desapontado porque você é menina. Seus pais e suas irmãs a amam muito.”

Com isto, recordei claramente das palavras de minha mãe me contando, “Milca, quando eu tive meu primogênito, seu avô e seu pai ficaram tão contentes que até fizeram uma festa em comemoração. Seu pai deu-lhe o nome de Zafenate em honra ao seu ancestral José. Zafenate-Panéia era seu título egípcio. Infelizmente a felicidade dos dois não durou.”

“O que aconteceu com Zafenate, mamãe?”

“Dói muito cada vez que me lembro disto”, Mamãe suspirou. “Fico com raiva de seu pai e especialmente do seu avô Hefer. Eles diziam que era lei de Deus. Eu não acreditava. Que Deus é este que exige o sofrimento de um recém-nascido? Eu não queria que eles o machucassem. Então quando chegou a hora do seu pai levá-lo para o sacerdote, em desespero, embrulhei-o bem apertado e fugi com ele. Corri ziguezagueando entre as tendas. Era muito cedo de manhã, a maioria das pessoas ainda estavam dormindo. Eu sentia um surto de vitalidade vinda do meu interior, que me dava forças para correr, sem cansar, para salvar a vida de meu filho. Eu achava que seria capaz de correr até chegar às terras dos Moabitas e eles me dariam proteção. Você sabe que eles também são descendentes de Abraão, não sabe? Já me encontrava fora do acampamento, perto da Estrada Real, quando Zelofeade me pegou pelos cabelos que tinham se desprendido do pano durante a corrida.”

“Você enlouqueceu?” Seu pai me repreendeu. “Você sabe que Zafenate tem que ser circuncidado, de acordo com a lei que Deus nos deu através de Abraão. Entregue-me a criança!”

“Não! Não quero que o sacerdote o machuque.”

“Eu a entendo, Jemima. Meu coração também dói, mas temos que fazer isto. É a lei de Deus.”

“Não! Não! Tenho certeza de que Deus não ordenaria sofrimento para inocentes meninos. Tenho também o pressentimento de que alguma coisa errada vai acontecer enquanto o sacerdote estiver murmurando suas preces e fórmulas e cortando o prepúcio de nosso filho. Ele pode cometer um erro e ferir a glândula. Você sabe que estas coisas acontecem e a criança morre sangrando. Não quero que isto aconteça com nosso filho.”

Milca

Seu avô nos alcançou e com respiração ofegante disse, “Você enlouqueceu completamente! Tome a criança dela, Zelofeade. Não fique abobalhado em pé aí.”

“Não! Não tire Zafenate de mim. Não o machuquem! Vocês vão matá-lo. Eu quero que meu filho viva!” Eles me deram as costas e levaram a criança. Desespero tomou conta de todo meu ser. Puxei meus cabelos, rasguei minhas roupas, arranhei meu rosto até que o sangue começou a escorrer, e finalmente me joguei no chão, de bruços, esperando que a morte viesse me resgatar. Não sei quanto tempo passou. Não senti fome, nem sede, só o calor intenso do sol assando minhas costas. Parece que ouvi pisadas de animais e pessoas falando em uma língua estranha. Deve ter sido uma caravana de mercadores viajando de Basã para o Egito. Minhas cunhadas teriam vindo me buscar, mas não sabiam onde eu estava. Zelofeade queria vir, mas seu pai não deixou. Quanto vale a vida de uma mulher? Seu avô teria ficado feliz se eu tivesse morrido. Na verdade ele queria que seu pai tomasse outras esposas para lhe dar muitos filhos homens. Ele não gostava de mim, por causa de meu jeito desobediente, ele dizia. Devo ter dormido, ou perdido a consciência, não sei. Acordei uma vez e estava totalmente escuro, ainda assim não me movi. Acordei de novo com o lamento de mulheres ao redor de mim. Com dificuldade virei de costas. Era de dia. Elas viram que eu não tinha morrido e não pararam de chorar. Aí, compreendi que elas não choravam por mim. Elas choravam pelo meu filho. O que eu mais temia aconteceu. Meu filho morreu sangrando. Acordei uma semana depois com sua tia Miriam tentando me alimentar. Demorei uns meses para recuperar, e um ano depois você nasceu, Milca.”

A parteira e eu chegamos à entrada da tenda de parto. Minhas tias Miriam, Abigail e Sulamita estão saindo, trazendo a morte estampada em seus rostos.

“Não! Eu grito e entrego Tirza para a parteira.” A roupa de mamãe está encharcada em sangue, contudo, ela tem uma expressão serena. Ajoelho-me e sacudo seus ombros.

“Não nos deixe! Por favor, não nos deixe!” Tia Abigail vem e gentilmente põe suas mãos em minha cabeça.

“Não há nada que você possa fazer, Milca. Sua mãe está morta.”

Ignoro suas palavras e expresso meu desespero em choro angustiado. “Foi minha culpa. Se eu não tivesse ido com a parteira, eu teria salvado a senhora, mamãe! Eu teria lhe dado mais daquela poção para ajudar a estancar o sangue. Eu teria convencido a senhora a não desistir. A senhora ainda podia ter mais filhos e um deles seria um homem para resgatar nossa família da vergonha. Eu teria conversado com a senhora até a senhora esquecer-se do desapontamento de ter tido mais uma menina. A senhora deu à luz uma criança perfeita e sadia, mamãe. Ela precisa da senhora. Por que desistiu de lutar pela vida? Foi porque não queira encarar o olhar de reprovação de vovô? É isto que acontecia cada vez que a senhora tinha uma menina. Eu não deveria ter saído do seu lado. Foi minha culpa.”

“Não, Milca, não foi sua culpa. Um dia a gente está viva, no outro a gente está morta. Assim é a vida. A morte é parte da vida,” explica tia Abigail. Então ela pega no meu braço, me levanta e me guia para fora da tenda de sangue e morte. Meu coração se afunda em desespero. Nunca mais verei minha mãe. Nunca mais ouvirei sua voz suave cantando para nós. Mamãe nunca mais nos contará histórias. Sinto sozinha, abandonada.

Capítulo 3

“Não!” A voz da tia Abigail ecoa no deserto, alguns segundos antes que um machado de pedra bata com toda força em cima de uma lâmina de cobre posicionada no seu pulso amarrado num cavalete. Sangue espirra do toco de seu braço, e mancha seus executores.

Os filhos de Hefer sempre armam suas tendas numa fileira reta. A primeira pertence ao tio Sofonias e sua esposa Sulamita. Vovô Hefer e vovó Débora ocupam a segunda. Tio Elhanam, tia Miriam e seis filhos possuem a terceira. A quarta pertence ao tio Efode, sua mulher Abigail e seus filhos. Meu pai e cinco filhas moram na quinta.

As mulheres sempre arranjam os tripés para cozinhar, os pilões e outros utensílios em frente da tenda. É uma área de trabalho e também de lazer. Atrás da tenda ficam os animais amarrados em estacas.

Naquela manhã, as mulheres e as crianças voltam da coleta de maná do dia. O vovô Hefer e tio Elhanam ficam para trás para caçar perdizes.

O papai vaga no Monte Hor, sua mania desde que Samuel faleceu. Seu estado mental piorou com a morte de mamãe. Minhas irmãs e eu passamos a maior parte do tempo com tia Miriam e os primos.

Os dois mais velhos, Jair e Noba, socam o maná até se tornar em farinha. Depois disto tia Miriam e eu fazemos bolinhos dele e assamos.

“Estou cansada de comer a mesma coisa insipiente todo dia,” diz tia Miriam, franzindo a testa. “Tenho saudades das paneladas de carne temperadas com bastante cebola e alho, de quando era pequena e ainda morávamos no Egito.”

“Não reclame!” Advertiu tia Abigail, que passava em frente. “É o pão que o Senhor nos dá. Para mim maná tem gosto de pão feito com óleo de oliva.”

“Adoro este alimento,” digo.

“Eu também,” Jair acrescenta piscando para mim. “Tem gosto de mel.”

Meu rosto queima. Cada vez que Jair fala comigo sinto uma sensação estranha.

Quando terminamos de comer, Jair e seus dois irmãos saem para buscar água. Mordecai, um sujeito alto e forte, da tribo de Benjamin, aproxima-se da barraca do tio Efode e grita:

“Efode, preciso falar com você.”

Efode é uma exceção entre a velha geração. Ele não se importa com o fato de que vai morrer antes de entrar na Terra Prometida. Seu nome vai continuar através de seus filhos. Ele se casou bem jovem e foi abençoado pelo Altíssimo com oito meninos. Três deles morreram bebês, mas lhe restam ainda cinco filhos sadios: Haniel, Abiezer, Oséias, Hirã e Heber. Eles continuarão seu nome. Que mais ele pode desejar? Sua felicidade aumenta ainda mais quando um pouco antes da mãe fonte se secar, uma flor, um lírio do campo, brota em sua família. Ele chama sua única filha de Lila. “Ela veio para abrilhantar ainda mais os dias de minha velhice,” ele diz.

Sua ocupação, quando estamos acampados, é fabricar tendas de couro ou de cabelo de animais para trocar com caravanas que encontramos na nossa perambulação pelo deserto. Ele adquire roupa de linho do Egito. Efode se veste melhor do que os outros homens com suas túnicas de lã velhas e manchadas. Ele usa sua capa jogada sobre os ombros em cima da túnica azul amarrada na cintura com uma faixa listrada de azul. Na cabeça ele usa um turbante largo amarrado firmemente com um cordão. Suas finas roupas logo se tornam motivo de ciúmes.

Efode cumprimenta Mordecai com um largo sorriso. Mordecai olha para o cabelo grisalho e bem penteado de Efode, seu espesso bigode e longa barba, suas roupas ricas e murmura, “Sua aparência não vai ser tão fina quando eu terminar meu acerto com você hoje.”

Mordecai então começa a acusar Efode de não ter pago por um bode que Efode comprara de Mordecai. Como a discussão se intensifica, vovó manda um dos netos buscar vovô para pôr um fim no bate-boca. Bem, ele não chega a tempo. Logo, a frente de nossas barracas fica cheia de vizinhos que vêm saber a causa de tanta gritaria. A assistência se torna como que palha na fogueira de Mordecai. Ele salta inesperadamente e derruba Efode no chão. Prende as mãos dele sob seus joelhos e começa a enforcá-lo.

Pego Tirza, reúno minhas irmãs e primas e fico olhando da entrada da tenda.

“Me paga ou eu o matarei,” Mordecai diz e afrouxa um pouco as mãos no pescoço de Efode.

“Eu já lhe paguei,” Efode responde.

Mordecai aperta de novo até que o rosto do outro começa a se tornar roxo. Vovó e suas noras correm para cima e para baixo desorientadas.

“Façam alguma coisa ou ele vai matar meu marido,” comanda Abigail aos homens assistindo à briga.

Abigail é mais alta que seu marido e um pouco obesa. Ela apenas perde peso quando viajamos semanas sem interrupção. Ela usa largas túnicas listradas que herdou de sua mãe, do tempo que moravam no Egito. O turbante amarrado no seu queixo esconde suas bochechas e faz sombra em seus olhos, deixando descoberto o nariz curvo e seus lábios apertados. Ela sabe que ela e seu marido não entrarão em Canaã, mas tenta aceitar o fato e se sente consolada de que seus filhos entrarão. Seus filhos não foram marcados com a ignomínia da servidão.

Eles serão mais fortes, terão mais determinação e estarão mais preparados para possuir Canaã do que seus avós e seus pais. Ela, porém, tem um receio. Teme que um de seus filhos ou seu marido reclame e seja punido com morte. Ela expande sua vigilância aos outros membros do clã. Sempre proíbe qualquer um de reclamar contra Jeová. Ela se sente responsável por manter toda a tribo fiel e segura. Uma ruga na testa e o aperto nos lábios são os únicos sinais das batalhas travadas em sua alma.

Vendo que os homens não fazem nada para salvar seu marido, Abigail se torna uma leoa. De seus olhos saem faíscas. Ela se aproxima por trás de Mordecai, que está ajoelhado sobre Efode. Ela leva a mão debaixo de sua túnica e agarra seus órgãos genitais com toda força e fúria. Mordecai solta um urro de dor e cai encolhido de lado. Abigail arrasta seu marido pelos braços para dentro de sua tenda. A multidão dá gargalhadas assistindo ao valentão Mordecai rolar no chão e gemer. Ele dirige a eles um olhar de fúria enquanto se levanta e corre curvado em direção ao pátio da Tenda do Tabernáculo.

Tio Elhanam e vovô chegam com suas cestas cheias de maná. Vovó Débora e suas noras contam o que aconteceu. Vovô Hefer encara a multidão que se reuniu lá e eles baixam a cabeça e começam a sair um por um.

“Isto não cheira bem,” ele diz balançando a cabeça pensativamente. Naquele momento, ouvimos um zunido de trombeta convocando os líderes. Quando Hefer pega seu cajado para sair, ele abana com ele para sua família. Era sua maneira de nos afirmar que tudo ia terminar bem, mas podíamos ler em seu semblante descaído que não ia.

O sol já projeta longas sombras quando Hefer retorna seguido pelos líderes da comunidade. Não fizeram diferença as defesas que ele apresentou a favor de sua nora. Abigail vai ser punida. Ela cometeu uma abominação e tem que sofrer o

castigo como um exemplo para todas as outras mulheres. Hefer entra na tenda de Efode e Abigail e a família se reúne à entrada. Um dos líderes grita, “Hefer, traga a mulher para fora!” Ele não responde e simplesmente cai numa das peles de carneiro que servem de cama. Os outros fazem um círculo ao redor de Abigail para protegê-la. O homem torna a gritar e, como não há resposta, dois entram, agarram Abigail pelo braço e arrastam-na para fora do círculo de seus familiares, que choram e imploram por misericórdia.

“Não, não, não façam isso comigo. Hefer, me ajude! Efode, faça alguma coisa! Não deixem que eles me aleijem. Vocês sabem que eu fiquei cega de raiva quando vi aquele maldito enforçar meu marido. Jeová, me ajude! Tenha piedade de mim!”

Efode, com suas roupas de linho amarrotadas e sujas e a cabeça descoberta, avança contra os homens que seguram sua mulher e luta para livrá-la de suas mãos. Outros dois líderes agarram-no e arrastam-no para longe.

“Solte-me, solte-me!” Ele grita em vão.

Haniel, Abiezer e Oséias, seus filhos mais velhos, começam a chutar os homens que seguram sua mãe. Eles também são contidos e afastados da cena. Os outros líderes continuam fazendo os preparativos rapidamente e calados, como se estivessem acostumados àquela rotina. As crianças e os adultos se plantam ao redor com olhares estupefatos. Parece que estão observando preparações para sua própria execução.

Eles tapam os olhos de Abigail com um pano e amarram sua mão esquerda nas costas. Um deles coloca o braço direito dela num cavalete, que foi trazido para este fim, e amarra seu braço aí. Este último homem tem o cabelo da cor de chamas, o que contrasta com a palidez de seu rosto causada pela repulsa do ato que comete. Deixo a pequena Tirza com Noa e me aproximo ainda mais da cena. O franzido do rosto jovem e o

aperto dos lábios mostram sua desaprovação pelo que estão fazendo com tia Abigail. Por que ele está tomando parte nesta crueldade? Naturalmente é obrigado a fazer isto. Deve ser um dos líderes. Ele posiciona a lâmina de cobre firmemente contra o pulso dela, enquanto todo o deserto ouve seus desesperados apelos, “Não me deformem! Prefiro morrer, mate-me em vez de me aleijar! Deus, tenha piedade de mim!”

O homem com o machado de pedra pergunta, “Pronto?”

“Pronto.”

Ele eleva o machado ao alto, acima de sua cabeça e bate firme exatamente no facão posicionado no pulso de Abigail. Os dois homens que a seguram soltam-na e ela cai no chão sem sentidos e sangrando. O homem de cabelo vermelho cambaleia e tomba com um estrondo ao lado de Abigail. Um dos seus companheiros arrasta-o pelos braços e diz,

“Seja forte, Acã, se você quiser se tornar um líder.”

“Ela morreu,” grita tia Miriam.

“Não, ainda não,” diz vovó depois de baixar e escutar seu coração. “Vamos salvá-la!” Enquanto ela desata a faixa de sua cintura e amarra um torniquete no braço de tia Abigail, vovó ora: “Senhor, por favor, ajude-nos; já temos cinco meninas sem mãe, não precisamos de mais seis órfãos.”

A vovó, cuja memória está falhando e não pode mais diferenciar um neto do outro, se torna tão alerta quanto uma serpente do deserto.

“Haniel, traga-me brasas e uma tenaz de bronze. Abiezer, entre em minha tenda e num canto você encontrará uma bolsa de couro dependurada. Dentro há três garrafinhas de argila contendo incenso, turmeric e hena. Preciso delas.”

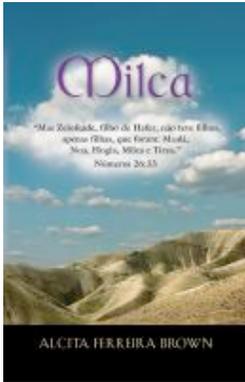
Enquanto ela cauteriza o corte com as brasas, continua falando. “Em seguida vou aplicar franco incenso. Quando o sangramento parar completamente, colocarei uma mistura de hena e turmeric para ajudar na cauterização. Zelofeade e

Milca

Elhanam,” ela continua dando ordens, “faça todos os curiosos irem embora.”

“E eu, o que faço?” Pergunta tia Miriam chorando. “Ajunte todos seus filhos e sobrinhos e leve-os para uma longa caminhada fora do acampamento. Leve com você o resto dos bolinhos de maná e um cantil de água. Alimente-os, sacie sua sede, conte-lhes histórias e deixe-os brincar até que este horrível acontecimento desvaneça de suas memórias.”

Ouvimos histórias gloriosas de nossos antepassados, mas não fez nenhuma diferença. Aquela cena ficou inapagável em minha memória para sempre.



***Milca** narra as aventuras das cinco filhas de Zelofeade lutando para atingir seus objetivos enquanto viajam através do deserto a caminho da Terra prometida, na companhia de seus patrícios israelitas. Constitui uma forma de literatura rabinica sob o ponto de vista de uma mulher cristã e é fiel às histórias bíblicas, tanto literalmente como espiritualmente. Milca celebra o poder da fé e perseverança através das vidas de Milca, Noa, Maalá, Hogla e Tirza.*

Milca

Order the complete book from

[Booklocker.com](http://www.booklocker.com)

<http://www.booklocker.com/p/books/7219.html?s=pdf>

**or from your favorite neighborhood
or online bookstore.**